

Linhas de Errância – Entrevista com Charles Feitosa⁷⁵.

Charles Feitosa é Professor titular e Pesquisador de Filosofia e Artes Cênicas na UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Autor de vários artigos e capítulos de coletâneas, nacionais e internacionais, nas áreas de Filosofia e Artes Cênicas, com ênfase em cultura contemporânea brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, memória, finitude, corpo, imagem, performance e cultura pop. Autor do livro *Explicando a Filosofia com Arte* (Rio de Janeiro, 2004), ganhador do prêmio Jabuti em 2005. É coordenador do POP-LAB (Laboratório de Estudos em Filosofia Pop), que reúne estudantes, pesquisadores e artistas de diversas instituições nacionais e internacionais.

Ensaios Filosóficos: Em primeiro lugar gostaríamos de agradecer o aceite de nos conceder essa entrevista. Antes de entrarmos nos conceitos filosóficos e nas práticas filosóficas que sr trabalha, queríamos que o sr nos falasse um pouco da sua trajetória acadêmica até hoje enquanto professor. Essa questão é demasiado importante devido ao seu interesse e o trabalho que desenvolve junto com a formação do professor e o ensino de filosofia. Se for possível fale também sobre seus laboratórios de pesquisa.

Charles Feitosa: Quando a gente rememora a trajetória acadêmica costuma-se na verdade silenciar sobre os acasos e as contingências, os encontros e desencontros fortuitos, as instabilidades financeiras e as influências imprevistas, enfim, sobre o papel imponderável mesmo do corpo e dos afetos na constituição do *corpus* (a obra) do autor. Isso sem falar do tom épico dessas lembranças póstumas, como se tudo fosse acertos e vitórias, que muitas vezes esconde o caráter trágico das angústias de quem na época não tinha a menor idéia para onde esses caminhos iriam desaguar. No meu caso não se trata mesmo de uma trajetória linear, mas muito mais de algo do tipo “linhas de errância”, como diria Deligny⁷⁶. Sou grato pela oportunidade de compartilhar aqui um pouco desses meus percursos tateantes. Para quem não me conhece ainda, costumo me apresentar como filósofo, escritor, performer, mas oficialmente sou professor e

⁷⁵ Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7975238653736340>

Email: philo_bureau@hotmail.com

⁷⁶ O educador francês Fernand Deligny (1913-1996) desenvolveu o conceito de “linhas de errância” [*lignes d’erre*] inspirado nos trajetos não-lineares, não-planejados e não-previsíveis das crianças autistas.

pesquisador nas áreas de filosofia e artes cênicas na UNIRIO. Embora eu tenha hoje um perfil híbrido, meu percurso acadêmico foi sempre bem disciplinar, da graduação (UERJ/UFRJ) entre 1982 e 1985, ao mestrado (IFCS-UFRJ) entre 1987 e 1990 e ao doutorado (Freiburg iB./Alemanha) entre 1990 e 1995, sempre em filosofia, ou mais especificamente, em história da filosofia. Paralelamente ao desenvolvimento acadêmico tive uma formação não institucional em artes e em cultura pop, seja através das séries da tv, dos desenhos animados, das histórias em quadrinhos, do cinema, do samba e do rock. Esses dois percursos formativos, o acadêmico e o (pop-)cultural, sempre foram mantidos separados um do outro durante a primeira parte do meu itinerário. Percebo retrospectivamente que essa era mais ou menos a mesma situação da maioria dos meus colegas do IFCS/UFRJ (na época da graduação e do mestrado) ou ainda do doutorado na Alemanha, pois todos conheciam muito bem tanto a história da filosofia em seus pormenores, como também os clássicos da MPB e do samba, a complexa genealogia dos heróis da Marvel ou ainda as nuances narrativas de um filme de Woody Allen, em contraste com um de Spielberg, de Bergman ou de Tarkowski. Naquela época esses saberes tão diversos, mas também tão afins, pareciam nunca se tocar, como se houvesse uma fronteira invisível entre filosofia e cultura pop, impedindo o livre trânsito entre as duas áreas. Foi somente depois do doutorado, após a minha volta ao Brasil, que iniciei um caminho mais transdisciplinar⁷⁷, atravessando e me deixando atravessar do por essas respectivas formações díspares.

O período de doutoramento na Alemanha foi fundamental para o meu amadurecimento, mas também foi muito duro em termos existenciais. Conheci pessoalmente diversos autores (tais como Gadamer, Derrida, Nancy e Lacou-Labarthe), que só admirava à distância; vi dezenas de shows, óperas, peças de teatro e exposições de arte. Nessa época minhas experiências artísticas e minhas atividades de pesquisa continuavam sem se contaminar reciprocamente. Presenciei o entusiasmo cultural do período de reunificação da Alemanha, mas também passei por muitos momentos de insegurança, angústia e solidão. Em uma era que não havia ainda internet, minha força de vontade dependia fundamentalmente do carteiro, trazendo a correspondência da minha família,

⁷⁷ Por “transdisciplinaridade” entendo uma prática ainda mais radical de associação e parceria entre diferentes áreas de saber do que a “interdisciplinaridade”, já que esta normalmente visa o estabelecimento institucional de novas disciplinas consolidadas (tais como geografia cultural ou medicina nuclear), enquanto aquela se constitui muito mais como uma atitude transitória e estratégica, uma porosidade de saberes sem pretender fusioná-los em novas áreas do conhecimento. Trabalhei um pouco sobre a distinção entre os termos no texto *O ensino da filosofia como uma estratégia contra a tarefa da interdisciplinaridade*. (In: KOHAN, Walter (Org.) *Filosofia - Caminhos para seu Ensino*. Rio de Janeiro: DPA, 2004, pp. 87-100).

dos meus amigos, mas também dos meus ex-professores, a quem nunca é demais prestar homenagem tais como Luiz Bicca, Gilvan Fogel, Gerd Bornheim (*in memoriam*) e outros, que nunca tive oportunidade de conhecer pessoalmente, tais como o Pe. Henrique de Lima Vaz (1921-2002) da UFMG e Benedito Nunes (1929-2011) da UFPA, mas que, mesmo de longe, continuaram me apoiando e orientando.

Minha intenção ao chegar em Freiburg era demonstrar na tese de doutorado a importância fundamental que o pensamento de Hegel teve para a elaboração da “Destrução da Ontologia Tradicional” em Heidegger. Eu pretendia mostrar que a noção heideggeriana de historicidade da filosofia só era possibilitada e fundamentada pela noção de historicidade em Hegel e que essa “filiação” deveria ser interpretada como uma prova da importância e atualidade da obra hegeliana. Esse projeto historicista, típico de um estudante sul-americano de filosofia sofreu, felizmente, diversas crises e reviravoltas. Vale ressaltar que a influência da minha orientadora à época, a Profa. Dra. Ute Guzzoni, sobre a minha trajetória transcende à mera feitura da tese. Retrospectivamente consigo perceber que se cheguei ao estágio atual das minhas pesquisas, devo muito a ela também por ter me inspirado como um modelo de rigor, criatividade e ousadia na prática filosófica⁷⁸.

Uma primeira crise, menor, aconteceu quando no início de 1991 descobri que já havia um livro de um filósofo norte-americano, o Prof. Dennis J. Schmidt (Western Sidney University) com exatamente o mesmo assunto⁷⁹. Na minha ingenuidade de 25 anos de idade fiquei desesperado ante a possibilidade de ter que mudar de tema e escrevi para meus ex-professores no Brasil pedindo sugestões. Ainda guardo até hoje na memória a carta do Prof. Gilvan Fogel que me abriu os olhos para o óbvio que não conseguia enxergar na época, ou seja, o fato de que a coincidência do tema não era um obstáculo, mas sim um indício da sua importância. Filosofia não é ciência, as repetições não produzem o mesmo, mas sim diferenças férteis.

Um pouco mais tarde aconteceu uma reviravolta mais importante. Descobri em um aviso de mural que o tal Prof. Dennis Schmidt iria participar de um evento dali a

⁷⁸ Aproveitei uma das minhas colunas de Filosofia do Jornal O Povo, de Fortaleza, para fazer uma pequena homenagem aos 80 anos da Frau Ute Guzzoni. O texto se chama *Filosofia com Cinema*, de 03.11.2014 e está acessível no link: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/filosofiapop/>.

⁷⁹ Dennis J. Schmidt: *The Ubiquity of the Finite: Hegel, Heidegger and the Entitlements of Philosophy*, MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1988.

alguns meses na Itália e que estava ainda aberta a chamada para comunicações. Tive a felicidade de ter sido selecionado para participar do *Collegium phaenomenologicum*, em Perugia (Itália), de 15.07 a 10.08 de 1991, acerca do tema: "On the Tragic: Hegel, Nietzsche, Heidegger, Hölderlin". Durante cerca de um mês estive em diálogo intenso com diversos especialistas em Hegel, Nietzsche e Heidegger tais como H.G. Gadamer, John Sallis, David Krell, Michel Haar, Jacques Taminiaux, Dominique Janicaud, Françoise Dastur e outros, do café da manhã à última taça de vinho na madrugada. Eu tinha ido no evento somente para confrontar e perturbar o Prof. Schmidt e acabei tendo uma experiência muito mais rica e ampla. O contato com esses professores e seus respectivos orientandos - contato este que não se limitou ao congresso, mas que se estendeu por todo o período de doutoramento e dura até hoje, foi fundamental para que eu ganhasse uma nova perspectiva do meu trabalho. Foi lá que fui apresentado ao trabalho de Derrida e ao projeto de desconstrução em filosofia. A partir daí passei a assumir uma postura mais crítica tanto em relação a Hegel e Heidegger, no que diz respeito à questão da historicidade, quanto a minha própria maneira de fazer filosofia, por demais pautada pelo historicismo e pelo eurocentrismo.

Seguindo minha memória afetiva considero que nesse evento aconteceu também um dispositivo catalisador do meu futuro projeto de uma filosofia pop, que só comecei a realizar nos anos 2000. Presenciei em Perugia uma palestra impactante do professor norte-americano David Farrel Krell (DePaul University), sobre o famoso fragmento de duas páginas conhecido como "O Mais Antigo Programa de Sistema do Idealismo Alemão" [*Das älteste Systemprogramm des deutschen Idealismus*], disponível tanto nas obras completas de Hegel, como de Schelling e até de Hölderlin. Eu estava ciente das controvérsias e disputas eruditas acerca da suposta "verdadeira" autoria desse texto, provavelmente de 1796, cujo manuscrito tinha a caligrafia de Hegel, mas que apresentava ideias de Schelling e Hölderlin, todos amigos muito próximos nessa época. Pois o professor David Krell, após apresentar uma interpretação muito técnica, com uma leitura imanente linha por linha do fragmento, concluiu sua apresentação lançando a hipótese que o verdadeiro detentor dos direitos autorais do texto era Nietzsche, que nem tinha nascido à época⁸⁰! Confesso que eu fiquei em estado de choque: então era possível

⁸⁰ Descobri mais tarde que o texto da apresentação em Perugia tinha sido publicado por Krell na revista *The Owl of Minerva*, volume 17, Issue 1, Fall 1985, pp. 5-19, sob o título: *The Oldest Program towards a System in German Idealism*.

unir rigor e densidade com criatividade e até humor, na atividade filosófica? Eu não sabia ainda como, mas já percebia naquele momento que era assim que eu queria fazer filosofia daí em diante.

Entrei para a UNIRIO em 1999 através de concurso. Naquela época não havia ainda graduação em filosofia, mas esse era um sonho que nunca deixei de almejar. Enquanto isso não acontecia, ensinei e orientei ótimos estudantes oriundos das áreas de história, teatro, pedagogia e museologia. A partir de 2003 passei a integrar o colegiado do Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT), que mais tarde virou o Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC), onde ensino, oriento e pesquiso até o momento. Fiz novas parcerias e amizades, especialmente com os professores Zeca Ligiero e Tania Alice (NEPAA – Núcleo de Estudos da Performance afro-ameríndia), que me acolheram decisivamente nessa fase de transição.

Comecei me interessando então pela filosofia “da” ou “sobre” a arte (ou seja, pelos principais autores da estética, tais como Kant, Hegel, Nietzsche, Heidegger e Derrida). Depois passei a ensinar filosofia “para” os futuros artistas, coreógrafos, atores e diretores no PPGAC. Finalmente passei a experimentar fazer filosofia “com” arte (colaborando como consultor teórico de diversos coreógrafos no Rio de Janeiro) e mais recentemente venho me aventurando no esboço de uma filosofia “enquanto” arte, em especial na parceria com dança, as artes da performance e o cinema⁸¹.

Hoje atuo também na graduação em filosofia da UNIRIO, que eu mesmo ajudei a criar em 2010, na companhia dos professores Miguel Angel de Barrenechea, Valeria Wilke, Paulo Pinheiro e da prematuramente falecida Claudia Cerqueira do Rosário. É a única graduação em filosofia do planeta que tem a disciplina de ‘filosofia pop’ no currículo e uma das poucas no Brasil que dá destaque no seu projeto político-pedagógico à tarefa da filosofia de pensar os problemas da cultura brasileira contemporânea. Paralelamente à minha transição do centro de ciências humanas para o centro de letras e artes comecei em 2003 também o processo de instalação de um laboratório de estudos da filosofia e da cultura pop na UNIRIO, o Pop-Lab, que deveria servir de espaço para que professores e

⁸¹ Em 2016 realizei junto com o poeta Renato Rezende o curta-metragem *Fomos filosofia e poesia... seremos crime?*, um vídeo de 16 minutos reunindo diversas performances em manifestações políticas em torno da pergunta “O que é terrorismo?”, além de uma seleção dos melhores momentos das entrevistas com os ativistas e estudiosos da política. O filme tem sido também selecionado para mostras e festivais, dentre os quais se destacam o Festival de Cinema Anarquista e Punk de SP, a Mostra de Audiovisual de Petrópolis, o OCUPA-MINc, sempre com a nossa presença para participar dos debates.

alunos de diferentes áreas (dança, teatro, vídeo, filosofia, etc) pudessem desenvolver pesquisas teóricas e também gerar produtos de caráter experimental. Hoje o Pop-Lab virou também um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq, onde atuo como coordenador desde 2010 e da qual fazem parte cerca de 25 pesquisadores e 14 orientandos de diversas instituições do país (cf. <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2330294403542324>). Durante todo esse período tentei aproveitar ao máximo qualquer oportunidade de publicar em jornais e revistas de grande circulação, através de resenhas e artigos, buscando sempre promover de forma consistente uma maior divulgação da filosofia.

Tenho me pautado portanto pela defesa de uma prática filosófica mais conectada com a situação brasileira contemporânea, seja na forma (mais acessível, mas sem perder a densidade), seja no conteúdo (abordando temas polêmicos ligados à estética, ética e política no Brasil). Venho levando uma vida anfíbia, transitando entre a filosofia e as artes, entre a academia e a rua, entre o rigoroso e o informal, entre a Europa e o Brasil, entre a cultura erudita e a cultura de massa. Tenho feito parceria da filosofia com a literatura, o cinema, a dança e até com as mídias de massa, como rádio, tv e internet. Então, ao invés de me submeter à rigidez das fronteiras territoriais entre as diversas disciplinas isoladas, escolhi habitá-las e ocupá-las. É bom observar, finalmente, que anfíbios não tem vida fácil em lugar nenhum, pois embora haja um discurso oficial de elogio à interdisciplinaridade por parte dos órgãos de fomento a pesquisa, as práticas e os critérios de avaliação da produtividade continuam sendo bastante disciplinares. Paraphrasing Camus, quem quiser se aventurar pelas linhas de errância que surgem quando se ousa ultrapassar os limites de demarcação dos territórios acadêmicos, vai ter que se acostumar com a sensação contínua de estar alternando entre diversos tipos de exílios, sem se sentir verdadeiramente em lugar nenhum no seu próprio “reino”.

Ensaios Filosóficos: O sr é muito envolvido e demonstra uma enorme preocupação com o ensino de filosofia no ensino médio, estando envolvido com a Anpof Ensino Médio, as Olimpíadas de filosofia entre outros segmentos. Diante disso, gostaríamos de saber de você qual a sua compreensão da importância do ensino de filosofia nas escolas, sobretudo, nesse tempo de terror em que vivemos, no qual as disciplinas de fundamentos epistemológicos e de ferramentas críticas estão ameaçadas, entre elas o ensino de artes.

Charles Feitosa: Logo depois de terminar a licenciatura em filosofia comecei também a atuar profissionalmente como professor da rede pública de ensino, mais precisamente no Colégio Estadual João Alfredo, localizado no bairro boêmio de Vila Isabel, Rio de Janeiro, entre 87 e 89. A filosofia voltava a ser ensinada nas escolas após longo período de proibição pela ditadura militar. Os anos finais da década de 80 foram de grande efervescência artística e especialmente a música do emergente rock brasileiro (Titãs, Legião Urbana, Paralamas, Barão Vermelho), através da saudosa Fluminense FM (94.9), foi a trilha sonora das minhas aulas no ensino médio. Esse tempo de experiência no ensino da rede pública foi fundamental para me despertar o interesse sobre as questões didáticas e políticas da tarefa de divulgação do pensamento, um processo que iria culminar muito mais tarde, em meados dos anos 2000, no desenvolvimento de uma pedagogia “pop” para o ensino de filosofia e de artes, projeto em que estou empenhado até hoje.

No momento atual, tanto as escolas como as universidades estão vivendo tempos sombrios e essa não é uma tendência somente do Brasil, mas infelizmente, em graus diversos, em várias partes do globo. As humanidades são a área mais vulnerável desses tempos sombrios, caracterizados pelos cortes de recursos, pelos ataques à liberdade de cátedra e pelas exigências inquisitórias de movimentos fascistas tais como o famigerado “escola sem partido”. Assim como na idade média havia o mito da infalibilidade papal e na modernidade, o mito da neutralidade científica, agora estamos assistindo a emergência do mito da suposta neutralidade política do professor. Minha tendência otimista me leva as vezes a interpretar esses ataques como uma confirmação da importância do ensino da filosofia e da sociologia em todos os níveis de formação, do fundamental ao superior, especialmente na pós-graduação, pois de alguma maneira aqueles que estão no poder têm medo daqueles que pensam, isso não deixa de ser um bom sinal. Estudar, seja na escola ou fora dela, é uma espécie de profanação do circuito ininterrupto de produção-distração-descanso, que caracteriza a sociedade contemporânea. Por isso mesmo, a escola não pode ser vista como uma extensão da empresa, da igreja ou da família. A escola é uma instituição que ocupa um lugar ambíguo, ela é o pilar da sociedade e ao mesmo tempo um espaço importante de confrontação das outras instituições, especialmente o governo, o mercado e a mídia de massa. O ensino de filosofia e de sociologia desempenha um papel fundamental na construção dessa singularidade da escola.

Por outro lado, quando vejo as estatísticas mostrando que a grande maioria dos seguidores desses novos líderes de extrema-direita são jovens, fico me perguntando onde foi que nós, professores de professores, falhamos. É uma ironia que estejamos sendo acusados de doutrinação marxista ou comunista, quando na verdade as novas gerações parecem estar cada vez mais contaminadas de um nihilismo epistemológico, estético e político. Quer dizer, há um vácuo de projetos para o futuro, em qualquer dimensão da existência. Além disso, nunca é demais lembrar que para a imensa maioria dos estudantes são os próprios estabelecimentos de ensino com frequência os principais responsáveis pelos tempos mais sombrios da vida deles: lugar de trauma, de opressão, de exclusão, de autoritarismo, de competição, de violência simbólica, sexual e física. Acho que nós, professores, precisamos continuamente fazer autocrítica de nossas práticas pedagógicas, buscando sempre com criatividade, respeito e bom humor, formas alternativas de compartilhamento do saber e do poder. É possível abandonar a excessiva formalidade sem perder o rigor. Nós, professores, estamos demasiadamente acostumados a falar muito e sozinhos diante de uma plateia mais ou menos passiva. Gosto muito de dar aula junto com outros professores, pois isso já quebra a imagem de uma voz única do saber. Nada mais didático do que presenciar uma discordância amigável entre dois ou mais professores sobre o mesmo tema. É preciso treinar cada vez mais a escuta, mas para isso é preciso também criar condições para que a voz dos estudantes possa aparecer mais em sala de aula. Ensinar de forma clara e agradável, mas também de maneira densa e rigorosa, é um exercício de atuação política.

Em tempo, se esse projeto de “des-humanização” das escolas tiver êxito, se não for possível mais ensinar filosofia nas escolas, então vamos ocupar outros espaços, a praça, as ruas, as praias, os podcasts, os canais de youtube, as redes sociais. E vamos inventar outros espaços quando todos estes estiverem sendo censurados. Os mais intensos gestos de resistência emergem em tempos de restrição das liberdades civis e de opressão às diferenças.

Ensaio Filosófico: O seu livro *Explicando a filosofia como arte* recebeu diversos prêmios, entre eles o Prêmio Jabuti (2005). Neste livro, que é voltado para o Ensino Médio, nós percebemos que deveria ser trabalhado, principalmente, nos cursos de licenciatura, pois traz uma questão muito importante acerca da relação da filosofia com a arte e da arte como uma outra possibilidade de ensino. Além disso, o sr promove um deslocamento da abordagem da arte dita de massa, como possibilidade de se discutir

filosoficamente. Em relação a isso, o sr poderia desenvolver a importância disso para uma sociedade na qual a arte, vem cada vez mais perdendo espaço para a técnica?

Charles Feitosa: Em 2002 publiquei um artigo no jornal O Globo criticando os livros didáticos de filosofia no Brasil, especialmente a abordagem excessivamente historicista do livro *Convite a Filosofia* da Marilena Chauí (cf. Charles Feitosa: *Chauí e seus Platões*. In: O Globo, Caderno Prosa e Verso, Rio de Janeiro, p. 6, 08 jun. 2002). Defendi que a filosofia no Brasil precisava se conectar mais com a cultura contemporânea se quisesse atrair a atenção dos não-filósofos, principalmente os jovens. Recebi então o desafio vindo de Sheila Kaplan, que trabalhava à época na EDIOURO, para escrever um livro de introdução à filosofia conforme o projeto de uma filosofia pop. Dois anos depois, após muita pesquisa de textos e imagens, o livro ficou pronto. Chamou-se *Explicando a Filosofia com Arte*, foi publicado em 2004, tendo recebido no ano seguinte diversos prêmios: Prêmio Malba Tahan na Categoria Melhor Livro Informativo Infante Juvenil, FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infante Juvenil; Prêmio Jabuti 2005, melhor livro na Categoria Didático e Paradidático de Ensino Médio e Fundamental.

A proposta do livro não era apenas reproduzir, mas também apresentar uma produção própria de ideias. Fiz uma seleção afetiva e teórica de temas da filosofia. Não era uma abordagem historicista (dos pré-socráticos a Heidegger), nem enciclopedista (uma apresentação de todo o conteúdo) da filosofia. O livro acabou sendo adotado pelo governo federal para compor a biblioteca básica das escolas públicas federais em todo país. Desde então tenho recebido e-mails de estudantes das mais diferentes partes do Brasil, curiosos e instigados pela leitura do livro. Fico especialmente feliz com isso, pois tenho consciência de que embora se trate de um livro até barato pela qualidade gráfica apresentada, mas ainda infelizmente muito caro para a realidade brasileira. No momento ele se encontra esgotado e só é acessível em sebos ou através de sites de compartilhamento de arquivos no formato pdf.

Para mim o aspecto mais fundamental do livro é a realização de uma outra relação entre conceitos e imagens, ou de forma mais abrangente, entre filosofia e arte. Considero que, tradicionalmente, a filosofia tem duas atitudes básicas em relação a arte: ou levanta suspeitas sobre sua capacidade de contribuir para uma ampliação da compreensão humana do mundo ou então instrumentaliza as imagens e as obras de arte como se fossem mera ilustrações e atestações de argumentos conceituais, empobrecendo assim a

riqueza de possibilidades que elas poderiam ainda nos oferecer. A filosofia pop entende que as imagens não são inferiores aos conceitos quando a tarefa é pensar o mundo, ao contrário, as imagens exigem outros tipos de pensamento e abrem perspectivas inacessíveis ao raciocínio lógico convencional. Por isso mesmo meu livro se chamou *Explicando a Filosofia com Arte* e não *através da Arte*. A filosofia, era ela mesmo ciência na antiguidade, mas perdeu seu posto e a partir da modernidade começou a fazer parceria com as ciências e as técnicas para garantir seu lugar no mercado dos saberes. Eu estou apostando nas parcerias com as artes, para reequilibrar o jogo dos saberes e dos poderes na contemporaneidade.

Ensaios Filosóficos: O sr opera muito com a ideia de filosofia *pop*, poderia nos explicar o que é filosofia *pop* considerando, sobretudo, a ideia de terceira margem da cultura, conceito também trabalhado pelo sr?

Charles Feitosa: Em 2001 publiquei o texto que considero uma das minhas mais importantes publicações: *O Que é isto - Filosofia Pop?* (In: LINS, Daniel. (Org.), Nietzsche e Deleuze - Pensamento Nômade. Rio de Janeiro, 2001, p. 95-105). Esse texto tinha sido apresentado no ano anterior por ocasião do evento Nietzsche e Deleuze organizado por Daniel Lins em Fortaleza e representa uma espécie de manifesto por uma filosofia menos erudita, bem-humorada sem deixar de ser densa; uma filosofia transdisciplinar, em parceria com as artes; uma filosofia transcultural, conectada com as questões oriundas do cenário cultural brasileiro contemporâneo, enfim, uma filosofia atenta ao cotidiano e à cultura, que não tinha medo de ocupar a mídia e até a internet. Naquele momento eu não tinha ideia ainda de que o projeto de uma filosofia pop iria assumir tanta centralidade na minha trajetória, era ainda tão somente a intuição de que seria possível reconciliar minha formação acadêmica estrita com minha formação não institucional nas artes e na cultura de massa.

Vale repetir mais uma vez que eu não inventei o termo “filosofia pop”, eu roubei o conceito de Deleuze, que muito rapidamente menciona a expressão, sem maiores aprofundamentos, no contexto da necessidade de novas formas de ler e de escrever na filosofia. Minha apropriação do termo se orientava por experimentar com aspectos que talvez o próprio Deleuze não tenha previsto, mas que teria, imagino, aprovado. A primeira ressalva é que o uso do termo “pop” nada tem a ver com a acepção corrente, presente em títulos de programas televisivos do tipo “Super-Pop” e que se aplica ao

entretenimento de caráter raso, fácil e meramente comercial. A ideia, ao contrário, era resgatar o projeto presente no movimento da “pop art” dos anos 50, onde o conceito de “pop” era visto como algo imaginativo, rebelde, original, irreverente, crítico e alegre.

O principal aspecto da “filosofia pop” seria então a atitude consciente de enfrentamento crítico da distinção entre “alto” e “baixo” em termos de cultura, o que acaba acarretando a recusa de um cânone exclusivo tanto das questões, quanto dos autores, supostamente clássicos e incontornáveis. Foi daí que fiz essa analogia com as margens da cultura. A cultura erudita e a de massa são as duas margens tradicionais, a filosofia pop tenta ocupar a terceira margem, uma zona fronteira. Estava convencido de que a filosofia não precisava se restringir a pensar apenas a questão da liberdade ou da verdade em Descartes ou Kant, mas podia e devia também se debruçar sobre as questões de poder no uso do controle remoto nas diferentes constelações familiares ou ainda sobre os desdobramentos éticos-políticos de uma história em quadrinhos, um videogame ou uma letra de funk. Gostei da expressão “filosofia pop” porque ela incomoda e atrai, mas poderia também ser chamada de “filosofia híbrida”, “trans-filosofia” ou ainda “eros-sophia”. No momento prefiro me guiar pelo título de uma canção do compositor Wilson Moreira, interpretada por Candeia intitulada: *Ao Povo em Forma de Arte* (1978). Então, tal como eu a imagino, a “filosofia pop” não precisa se subordinar às ciências, seja como rainha das ciências, meta-ciência ou ciência auxiliar, mas se deixa contagiar estruturalmente pelas artes. Além disso é endereçada ao povo e não apenas aos eruditos, com a importante ressalva de que “povo” não existe em si, nem é definido por raça, solo, língua ou classe. “Povo” se constitui, sempre e de cada vez, quando singulares compartilham a experiência do pensar.

Para não dar a impressão de que eu sou o único nessas linhas de errância, vale ressaltar que existem vários grupos no Brasil e no mundo atuando de forma independente em prol de um projeto de expansão da filosofia pop. No Brasil, além do Pop-Lab na UNIRIO, vale mencionar o trabalho político de ocupação da mídia de Marcia Tiburi com seu Programa “Filosofia Pop”, produzido pelo Sesc e os podcasts de “Filosofia Pop” de Marcos Lopes da UNILAB. Na Europa existe já há 10 anos a “Semana de Pop Filosofia” em Marseille/França, organizado por Jacques Serrano. Existem ainda outras iniciativas nos EUA, Argentina, Coréia do Sul. Todos tentam, cada um a sua maneira, estabelecer um diálogo da filosofia com a cultura contemporânea, de forma acessível, mas não menos rigorosa.

Ensaios Filosóficos: Em seu último curso em 2017 na UNIRIO intitulado “Seminário de Leitura em Temas da Filosofia Pop” o sr trabalhou as relações entre estética e política nas canções populares brasileiras a partir do conceito de filosofia pop. O sr poderia nos contar como foi a experiência de trabalhar as canções brasileiras de amor nesse curso?

Charles Feitosa: Então, o objetivo do curso era realizar uma introdução à filosofia pop tendo como fio condutor as relações entre estética e política nas canções populares brasileiras. A ideia me surgiu depois que assisti o Prof. Nilton dos Anjos, diretor da escola de filosofia da UNIRIO, parceiro do Pop-Lab, fazendo uma interpretação inusual de uma canção de amor do Djavan, abrindo possibilidades de uma escuta política. Eu pensei, vamos fazer juntos um curso experimental para exercitar outras audições de canções clássicas de amor e protesto. O projeto era megalomaniaco, pois pretendíamos mostrar que certas canções de amor também eram de protesto e vice-versa. Acabamos ficando só nas canções de amor, o que foi ótimo. Depois que eu e Nilton apresentamos alguns conceitos básicos da filosofia pop, passamos a discutir algumas noções básicas da estética e da política da canção, tais como a diversidade de funções (mnemônicas, tranquilizadoras, festivas, instigadoras, etc.) das canções na história, sempre enfatizando as dimensões corporais, sociais, culturais, artísticas e políticas da voz cantada. Por fim deixamos a bola com os estudantes, que tiveram a oportunidade cada um de escolher uma canção de amor cuja letra pudesse ser “re-escutada” com ouvido filosófico.

Além da variedade de estilos musicais (que variou do forró ao funk, passando pelo rock, pelo rap, pelo samba entre outros), foi muito importante contar com o engajamento da turma. Alguns trouxeram instrumentos musicais para a sala e em diversos momentos a timidez se transformou em alegre cantoria. Um dos principais aspectos da pedagogia pop é que não basta apenas resgatar conteúdos rejeitados da filosofia (principalmente os oriundos da cultura pop), é preciso reinventar os modos de abordá-los. Não bastava discutir interminavelmente os significados das letras, a maneira dos exegetas de textos sagrados ou canônicos. O curso não visava apenas as letras e seus possíveis significados, mas também os contextos históricos, as conexões afetivas e existenciais e principalmente as atmosferas estéticas e políticas evocadas em cada canção. Era preciso desenvolver a sensibilidade para as vibrações corporais, singulares e coletivas, que cada música provocava. Há enormes diferenças entre cantarolar baixinho, cantar em grupo numa roda de samba ou acampamento, cantar por obrigação um hino, cantar diante de

uma plateia, cantar no chuveiro, cantar em um seminário universitário de filosofia pop. Assim como há, paradoxalmente canções de protesto em clima de cortejo fúnebre, há também belas e alegres canções sobre corações partidos. Essa disparidade performativa das canções foi tema de diversos encontros durante o semestre. Além disso foi possível perceber como velhas concepções metafísicas do amor reaparecem em canções tidas como de vanguarda, ao passo que certos funks, muitas vezes rejeitados de forma moralista como sendo inestéticos, podiam ser ouvidos como proposições afirmativas de outras e talvez melhores formas de vivência afetiva. Questões de gênero, sexualidade, misoginia, logo- e falo-centrismo surgiram e foram debatidas de maneira muito fértil durante todo o semestre. Em 2019 pretendo retomar a parceria com o Nilton e realizar a parte II do seminário, que será dedicado dessa vez predominantemente às canções de protesto.

Ensaios Filosóficos: Diante dessa experiência, o sr acredita que é possível pensar o Brasil e o brasileiro desde o Brasil?

Charles Feitosa: É claro que é possível, o Brasil já vem sendo pensado na sociologia, na história, na antropologia, até mesmo na literatura ou na psicologia, então porque a área de filosofia tem tanta dificuldade de se voltar sobre sua própria cultura? O problema é que perdemos muito tempo discutindo em que consiste pensar filosoficamente algo. Há diversas maneiras de se fazer filosofia, de Heráclito a Sloterdijk, mas ao mesmo tempo há sempre algo de comum. Essa diversidade de linhas de errância da história da filosofia não pode servir de desculpa para se omitir da tarefa de pensar o Brasil contemporâneo. Ao contrário do que pregaram os uspianos, não precisamos primeiro estudar durante 500 anos a história da filosofia para somente depois sermos autorizados a ousar pensar por conta própria. Podemos fazer isso simultaneamente: pensar e estudar a história do pensamento que nos precede. Temos ótimos exemplos, ainda que suscetíveis a ressalvas, de esforços genuínos de pensar o país filosoficamente: *Crítica da Razão Tupiniquim* (1977), de Roberto Gomes; *Fenomenologia do Brasileiro* (1998), de Vilém Flusser; *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária* (2000), de Marilena Chauí. Em todo país surgem trabalhos de TCC, dissertações de mestrado e doutorado, que buscam pensar os rumos da sociedade brasileira em perspectiva filosófica. Na UNIRIO 50% dos trabalhos apresentados pelos

estudantes de graduação na semana de filosofia tem alguma conexão com a cultura brasileira contemporânea.

Essas iniciativas são uma indicação de que a comunidade filosófica do Brasil precisa assumir mais sua situação histórica e geográfica, seu aqui e agora. Todo pensador que se preze pensou a partir da sua realidade e de sua época, toda filosofia é “filha do seu tempo”, como diria Hegel. Isso quer dizer que fazemos mais jus a Aristóteles ou a Kant, não quando ficamos discutindo interminavelmente firulas eruditas das suas obras, mas sim quando os imitamos em seus engajamentos na realidade, ou seja, quando assim como eles nos propomos a pensar os desafios éticos, políticos, epistemológicos das circunstâncias em que vivemos. Temos muito a aprender com os autores clássicos como escapar da sombra dos próprios autores clássicos.

Nosso contexto é o Brasil, quer queiramos ou não. É desde o Brasil e no contexto da língua portuguesa brasileira que pensamos, mesmo que não tenhamos o país no foco das nossas reflexões. Isso precisa mudar e a mudança começa no ensino superior de filosofia, lá onde os futuros professores de ensino médio ou futuros docentes universitários se formam. Precisamos rever a participação das mulheres, dos afrodescendentes, dos remanescentes dos povos indígenas na filosofia do Brasil. Precisamos estudar, juntamente com as tradições europeias, também as tradições afro-ameríndias do pensamento. Experimente se levantar na palestra de abertura de qualquer ANPOF, com o auditório lotado e dar uma olhada ao redor: a maioria é branca, masculina, cis-gênero, talvez cristã, certamente de uma elite. É um escândalo que não haja um GT na ANPOF de filosofia e cultura brasileira. A filosofia no Brasil ainda não se deixou ser invadida pela diversidade da própria sociedade brasileira. Se a filosofia acadêmica deixar de ser ensinada institucionalmente no Brasil será mais por esse abismo que ela própria criou com seu entorno histórico. Por isso precisamos de mais “terceiras margens” e de “linhas de errância” do que de binarismos hierárquicos e linearidades teleológicas.

Vila Isabel, Rio de Janeiro, inverno de 2018.